



ESCUTAR OLHAR TOCAR... PARA AMAR

Homília da Missa Encontro Internacional das Equipas de Nossa Senhora

Roma, 6 de Setembro de 2015

✠ Mario Russotto - Bispo de Caltanissetta

1. Deus é amor

Caríssimos Amigos das Equipas de Nossa Senhora, Movimento de espiritualidade conjugal, reunidos na cidade de Roma, coração do cristianismo, a todos vós dirijo o imperativo do profeta Isaías e do Senhor Jesus: «*Tomai ânimo, não temais! Eis o vosso Deus*» (Is 35,4)... «*Effatha. Abre-te!*» (Mc 7,34).

E, com a Palavra criadora de Deus, repito a palavra do venerado Pe. Henri Caffarel, vosso fundador, que vos ensinou a caminhar na santidade encarnando o Evangelho da Caridade na vida conjugal: «Aos 20 anos, Jesus Cristo, de repente, tornou-Se alguém para mim. Nesse longínquo dia de Março, fiquei a saber que era amado e que amava... Tenho apenas um desejo: entrar eu próprio mais na intimidade com Cristo e levar os outros a entrarem também nessa intimidade, porque isso foi fundamental na minha vida e deu-me a *alegria de viver, a graça de viver, o entusiasmo de viver*. Afinal, não posso deixar de desejar aos outros esse encontro com Cristo vivo, essa descoberta de que Deus é amor».

Sim, Deus é Amor, e só a luz do Amor pode abrir os olhos dos cegos; só a voz do Amor pode abrir os ouvidos dos surdos; só o toque do Amor pode soltar a língua dos mudos; só o abraço do Amor permite que um homem e uma mulher, unidos em matrimónio, vivam a compatibilidade acolhedora na irredutível incompatibilidade de duas singularidades diferentes. A mulher, criada por Deus como “esvaziada” e com o dom de dar vida, é o tabernáculo do homem. Mas só na comunhão de amor o homem e a mulher podem esperar ser um como Deus é Um, porque caminham juntos : para uma só carne, para fazer da humanidade uma família e do mundo, uma casa! E então... «*Tomai ânimo, não temais! Eis o vosso Deus*». A este «Eis» de Deus deve responder o vosso «*Eis-me aqui, envia-me*» (Is 6,8).

2. Dá-me o teu coração

Ao convocar-vos aqui, em Roma, o Senhor tem uma Palavra importante a dizer-vos e, através do vosso testemunho de amor conjugal, como casal e como Equipas de Nossa Senhora, deseja fazer chegar a sua mensagem ao mais profundo do coração de cada homem e de cada mulher. «*Deus é amor (e por isso)... Dá-me o teu coração, ama-me como és*» (H. Caffarel).

Acolhei hoje este desejo de Deus, fazei-vos anunciadores e testemunhas no mundo deste anseio do Senhor e mostrai com a fascinante beleza da vossa vida que é possível cada um dar a Deus o seu coração; é fonte de alegria e de felicidade ser amado amando Deus tal como somos. Com as nossas feridas e as nossas cicatrizes, com os nossos impulsos e com os nossos esforços. Tal como somos!



III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

E, se atravessamos momentos de surdez e de mutismo, se vivemos na aridez e na fechamento do coração... «Tomai ânimo, não temais! Eis o vosso Deus». Eis Cristo Jesus que põe o dedo no ouvido do nosso coração, que junta a água do seu lado trespassado à nossa água pútrida ao tocar a nossa língua, que fala às nossas áridas solidões fazendo abrir novos rebentos: «*Effatha. Abre-te!*». E assim, cheios de admiração, no fim também nós diremos ao voltar para casa: «*Faz tudo bem feito: faz ouvir os surdos e falar os mudos*» (Mc 7,37).

3. O dever de se sentar

O texto do Evangelho que escutámos começa por afirmar que Jesus, «*tornando a sair da região de Tiro, veio por Sídon...*» (Mc (7,31), acolhe um surdo-mudo. Jesus atravessa territórios pagãos, é o Missionário do Evangelho por excelência, é o Evangelizador dos que estão longe e ultrapassa o limiar. Porque o Senhor vem ao nosso encontro no terreno das nossas incredulidades, na aspereza da nossa surdez, na aridez das nossas resistências.

E para lá do limiar da fé Ele encontra este homem surdo e gago, isto é, incapaz de falar correctamente. Porque sem escuta não há palavra, sem palavra não há relação, sem relação não há amor. É por isso que um dos pontos fundamentais da vossa espiritualidade é o *dever de se sentar*. Para um surdo tudo é absurdo! E se a surdez bloqueia o ouvido, a absurdidade dos nossos limites bloqueia o coração e torna-nos incapazes de escutar e de nos exprimirmos, incapazes de amar e de abraçar. Por isso, Jesus diz: «*Effatha. Abre-te!*».

Quantos esposos já não sabem falar-se e amar-se... porque já não se escutam. Vive-se na mesma casa mas com o ouvido e o coração bloqueados. Já não há comunicação, emitem-se sons sem palavras de vida; dão-se carícias sem ternura, beijam-se apenas para possuir o outro e abraçam-se só para o reter. E a vida de família reduz-se a uma liturgia triste que não santifica nem traz felicidade.

Em quantas famílias o diálogo é de surdos, quantos casais se tornam berços de silêncios e de solidões!... Quem não sabe escutar e não vive diariamente aquele *dever de se sentar* perderá a palavra, pronunciará banalidades que não tocam o coração do outro. Lembrai-vos de que «o primeiro serviço que devemos prestar aos irmãos é o da escuta. Quem não sabe escutar o seu irmão rapidamente deixará de saber escutar Deus» (D. Bonhoeffer).

4. Escutar para amar

«*Effatha. Abre-te!*»: esta intimação de Jesus evoca a ordem constitutiva de toda a tradição bíblica: «Escuta, Israel! O Senhor é nosso Deus; o Senhor é único! Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças» (Dt 6,4-5). Para a Bíblia, a fé nasce da escuta. Escutar é abrir o coração e a alma para acolher o dom e o mistério do Outro. *Não existe escuta sem amor!* Amar a Deus e escutar a sua voz são dois aspectos de uma única realidade, duas formulações diferentes da mesma ordem fundamental: «*Escuta... Amarás...*».



Equipes Notre-Dame

IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

Escuta... porque se não nos abirmos à escuta não seremos capazes de nos escutar a nós próprios, não seremos capazes de escutar os outros e de sermos escutados na oração. *Escuta...* porque o nosso grito é escutado desde sempre, sempre precedido e provocado pela voz de Deus, que nos fala mesmo com o seu inquietante silêncio. *Só no silêncio a escuta pode nascer!* A escuta sem silêncio é simplesmente “audição” de palavras e de sons; o silêncio sem escuta pode ser mutismo e solidão. Escutar o outro significa gerá-lo para a vida, dá-lo à luz de novo sempre com a água e o sangue do lado trespassado de Cristo Jesus. *Água e sangue*: os dois elementos que fluem do corpo da mulher no momento do parto. A água do Espírito e o sangue do Amor. Por isso, cada vez que somos escutados, acolhemos e trazemos ao mundo o outro, damos-lhe a vida escutando-o. E então também um marido pode tornar-se mãe da sua mulher se, acolhendo-a no seu coração através da escuta, a regenera para a vida como mulher amada, como filha e esposa.

5. Três símbolos

E termino confiando-vos três símbolos tirados do texto do Evangelho que escutámos: o dedo, os olhos e a boca.

A *boca* é uma ao passo que os ouvidos são dois; por isso, o Amor como relação exige o dobro da escuta relativamente à palavra. A boca é símbolo do beijo. Em 2006, em Lourdes, disse-vos que *Deus é um beijo*. Hoje digo-vos que *vós, esposos, sois o beijo de Deus!* Sim, um casal de esposos pode ser ícone material de Deus... se o amor e os beijos forem como que o amor e os beijos de Deus! *«Que ele me beije com beijos da sua boca!»* (Ct 1,2): a esposa acolhe feliz os beijos do seu marido porque aqueles beijos vêm da boca de Deus. E aqueles beijos inebriantes das duas bocas testemunham o desejo de ser um, para respirar a mesma respiração e viver a mesma vida.

Porque o amor tem necessidade de se dizer, de se exprimir, de se comunicar. E aqui temos os outros dois símbolos: os olhos e o dedo. O Evangelho diz-nos que Jesus ergue *os olhos* ao céu quando entra em oração. É como se procurasse os olhos do Pai, para viver o encontro de dois olhares. Jesus ergue os olhos ao céu quando chama o amigo Lázaro à vida (Jo 11,4); antes da multiplicação dos pães (Mt 14,19); antes de pedir ao Pai *«que todos sejam um... para que o mundo creia»* (Jo 17,21).

E àquele seu olhar voltado para o céu em oração corresponde o seu olhar dirigido à terra com misericórdia e amor. E vê... a viúva em lágrimas que acompanha ao cemitério o seu único filho acabado de morrer (Lc 7,13); a multidão de homens e mulheres cansada e desorientada como ovelhas sem pastor (Mc 9,36)... E de cada vez o olhar de Jesus restitui a vida e a dignidade, comunica amor e liberdade. Porque o Amor não olha os olhos mas nos olhos, para ler o coração. Caros Amigos, coragem! Não tendes medo de vos olhardes nos olhos! Não tendes medo de, juntos como casal, erguer os olhos ao céu na oração quotidiana. Mas que o vosso olhar seja sempre um olhar de dom e não de posse, de vida e não de julgamento, de libertação e nunca de exigência.

Tende também a coragem de habitar o lado aberto de Cristo Jesus, mas ponde o *dedo* na chaga do seu coração. E não tendes medo de que a sua mão vos toque o coração! Permite que Jesus borde a trama da vossa vida com o dedo da sua ternura! Ele que é o Artista das pulsações íntimas! Ele, que nos conhece melhor do que nós próprios, conhece as subtis vibrações da alma. Hoje, todos juntos, queremos dizer-Lhe: *atrai-nos a Ti, ó Deus; inflama de Ti a nossa respiração; para Ti dirige o nosso olhar, para que, envoltos no teu abraço que nos abençoa, possamos dançar a vida na missão do Evangelho ao ritmo do teu toque de amor. Amen.*

✠ Mário Russotto - Bispo de Caltanissetta